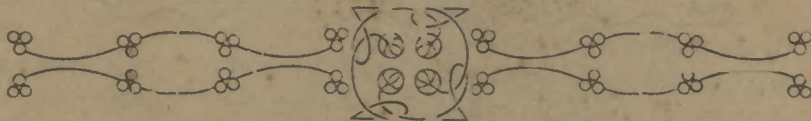


☀ ☀ PORTUGAL NA GUERRA ☀ ☀



Mario Gomes de Almeida

O primeiro soldado da Bairrada morto em França, em virtude de ferimentos recebidos no combate de 14 de agosto de 1917. Perencia a infantaria 35. Era filho de José Gomes e de Beatriz Almeida, da Povoia da Mealhada. Gloria ao morto heroe.



PATRIA

— «Patria?... Pae! que vem a ser
A Patria de cada qual?» —
— «Para nós, é Portugal...
A terra em que se nascer.

Patria filho! a bem dizer!
E' toda a casa; o quintal;
As pombas; o pinheiral;
O doce rio a correr!

A Patria é quanto alumia
A nossa candeia... — «E o dia?!
Ele é candeia maior...»

— Filho, sim! A Patria é o lar
Que deve ser como o Altar:
E o mundo, o templo, em redor! —

Antonio Correia d'Oliveira.

N.º 7 e 8 — FOLHAS DE ALBUM — SETEMBRO e OUTUBRO - 917 — DIRETOR e PROPRIETARIO: Adelino de Mello — EDITOR: J. R. Santos — Composto e Impr. na *Typ. Cyrne - PARDELHAS*
***** Administração **Vacariça** — LUSO *****





Portugal -- Mulher do Minho

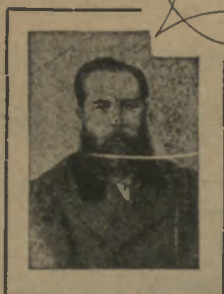
MULHERES de PORTUGAL

MULHERES de Portugal, o momento não é de risos nem de festas, mas de serenidade e grandeza de alma, honrando cada um o nome que usa. E nome mais glorioso que o nosso não queremos que exista na historia dos povos modernos. São poucos os nossos soldados? E' pobre a nossa marinha? Embora! Foram

sempre poucos os portugueses e como soldados e mareantes sempre souberam vencer. E, se alguma mulher concorrer com as suas lamentações e pavores para desanimar ou entristecer um soldado, essa não sabe nesta hora cumprir o seu dever, essa não sabe o que é ser portuguesa.

Ana de Castro Osorio.

Marquez da Graciosa



o mais justo e mais solido esteio da democracia. Seguindo a tradição que lhe legaram, era um nobre seguindo os impulsos do seu coração bondoso, era um democrata. E elle bem sabia conjugar as duas situações com aprumo e com hombridade.

A Bairrada perdeu com a sua morte um grande amigo, que imprimia a todos os actos da sua vida a maior sinceridade, sendo enxcedivelmente honesto e bondoso.

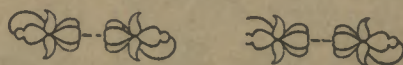
*

O Marquez da Graciosa, Fernando de Mello Geraldés, era filho do 1.º visconde, 1.º conde e 1.º Marquez da Graciosa, Fernando Afonso Geraldés de Mello Sampaio Pereira, senhor de Medelim, alcaide-mór de Monsanto, par do reino, e de D. Maria José Caldeira Pinto d'Albuquerque Leitão.

Nasceu na Graciosa em 29 de Junho de 1838 e falleceu d'uma congestão cerebral na sua quinta da Idanha em 24 de outubro de 1900.

Era par do reino desde 27 de abril de 1889 e fora agraciado com a gran-cruz da Conceição.

A. CAMPOS.



*Na capela de meu peito,
Eu peço á Virgem Maria,
Para sonhar toda a noite
Com quem penso todo o dia.*

*Eu queria morrer cedo,
Numa noite de luar.
E ter por campa o teu rosto,
Por mortalha o teu olhar*

JÁ lá vão 17 annos !
N'uma tarde de outono em que a brisa despia as arvores das suas folhas amarelecidas e em que o ambiente era tépido e ressequido, parecendo que a Natureza se desfazia das galas da primavera, espalhou-se por toda a Bairrada, como um toque funebre e com a celeridade das más novas, a noticia da morte do Marquez da Graciosa, em Idanha-a-Nova, para onde havia partido, com alguns amigos, tres dias antes.

Toda a região bairresa cobriu de luto, todos os corações se confrangeram; não porque a morte arrebatasse o titular, mais uma vergontea da nobresa, mas porque ceifára a existencia, d'um espirito esclarecido a quem repugnavam as veleidades maiores e a quem captivava a aproximação do elemento populoso como

Portugal na Guerra



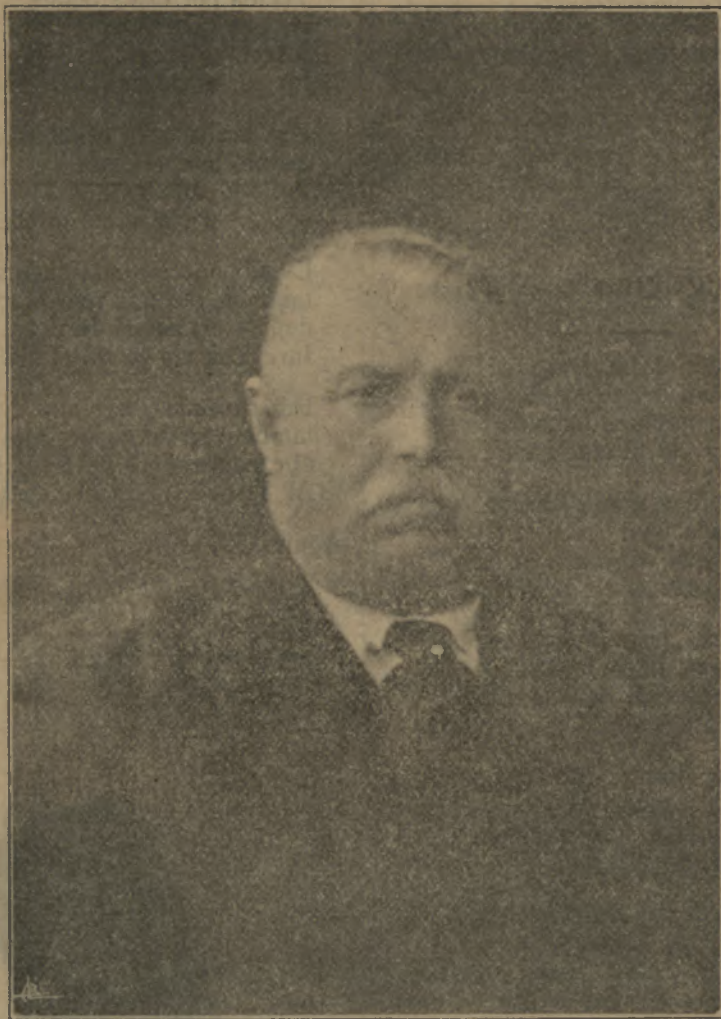
Soldados da Bairrada na França

Antonio Abrantes de Mello, soldado, filho de José Abrantes de Mello e de Carolina de Jesus, do Pego, freguesia da Vacariça; Antonio de Castro, 1.º cabo, filho de João de Castro e de Ana de Jesus, da Lameira de S. Pedro, freguesia de Luso e Antonio Diniz de Figueiredo, 2.º cabo, filho de Antonio Diniz de Figueiredo e de Maria de Jesus, da Mealhada. Todos de infantaria 35.



A guerra — Efeitos de uma granada

José Duarte de Figueiredo



LUSO acabou de testemunhar ao sr. José Duarte de Figueiredo, por intermédio duma comissão, que lhe foi entregar uma distinta mensagem de agradecimento, a sua perdoável gratidão, mostrando, deste modo, que não sabe esquecer os seus proletores e amigos.

José Duarte de Figueiredo, tem prestado a Luso, muitos e muitos serviços, encontrando-se a sua bolsa sempre aberta a tudo que concorra para o bem de Luso, e praticando-se a sua ilimitada simpatia, dia a dia, junto dos seus inúmeros e valiosos amigos.

Reclama constantemente as grandezas de Luso, junto das suas amizades.

Até nós, alguns tem chamado, que se tornam nossos agradecidos e apaixonados

hospedes. Tem praticado sem fim, o bem de Luso. Nada mais lhe podemos dar que não seja a nossa gratidão. Isso temos feito e continuaremos fazendo. Hoje homenageamos um amigo, amanhã bom grado nosso, homenagearemos outro.

Quem dêra, eles fossem aparecendo, no continuo engrandecimento, desta terra, a mais formosa, que o sol em Portugal beija em dulcíssimos afagos.

Agradecer amizades é fortalecer amigos e dar incentivos poderosos á sociedade para o trilho brilhante na senda do Progresso.

Luso, acaba de demonstrar, da maneira mais nobre, calorosa e evidente, o quanto

deseja o seu progresso, pelo trato carinhoso de seus amigos.

Luso, triunfará sempre, porque jamais soube esquecer os seus indeclináveis deveres, como exuberantemente o acabou de demonstrar, prestando a sua calorosa admiração a um grande amigo.—José Duarte de Figueiredo.

16-9-917.

José Trenche de Mello.



A tecedeira d'aldeia

Ao romper da madrugada
a tecedeira onde está?
Não pergunteis, somnolentos:
Im... tá clá tá clá tá clá.

São gemidos, e são brados,
que o meu teiar solta cá:
e vós ainda na cama, ociosos!
Im... tá clá tá clá tá clá.

Quem não gosta d'estas vozes,
que o meu lindo teiar dá?
d'esta manobra, tudo isto?
Im... tá clá tá clá tá clá.

Se canto, dizem—Que alegre
tecedeira a tecer já!—
e eu de longe só respondo:
Im... tá clá tá clá tá clá.

Das tecedeiras d'aldeia,
nenhuma me ganhará:
geme a peanha, o pente baba!
Im... tá clá tá clá tá clá.

Rapariga mais activa,
digam-me todos, não ha!
O' canella, não te quebres!
Im... tá clá tá clá tá clá.

A trabalhar se namora,
Josésinho me ouve acolá:
aposto, que se está rindo?
Im... tà clá tá clá tá clá.

Que se ria, não m'importa:
gosto mesmo, se dirá,
que é isto para agradar-lhe.
Im... tá clá tá clá tá clá.

O' minha cara mãesinha,
vá fiando a feia, vá,

pr'a camisa do noivado.
Im... tá clá tá clá tà clá.

Tecida por estes dedos,
ai, que boa ficará!
Josésinho preguiçoso!
Im... tà clá tà clá tà clá.

P'ra acabar esta primeiro,
quanto tempo levará?
Já doze canudos hoje!
Im... tà clá tà clá tà clá.

Estes poucos ainda cheios
tambem vão pr'à teia já:
depois enche-os de novo...
Im... tà clá tà clá tá clá.

Em casando Josésinho
tambem ha-de encher, olá!
elle enchendo e eu tecendo,
Ai Jesus!... tà clá... tá clá...

Aguim.

Manuel Ferreira Portela.



Francisco José

Imperador da Austria-Hungria (já falecido), que foi o ateador da actual guerra.

PORTUGAL NA GUERRA

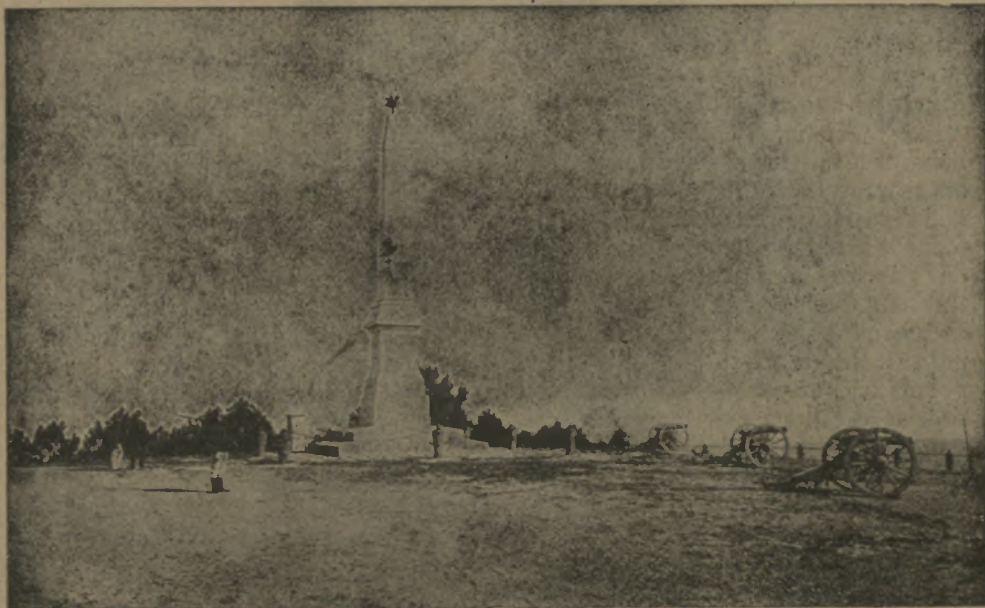
Soldados da Bairrada na França



ANTONIO da COSTA, 2.º cabo de infantaria 35, filho de Bernardino da Costa e de Maria do Carmo, do Travasso, freguezia da Vacariça. No combate de 14 de agosto do corrente ano, indo já a meio da trincheira, prisioneiro e desarmado, de subito cae sobre o soldado alemão que o conduzia, e a soco e dente sufoca-o e fal-o sua presa.

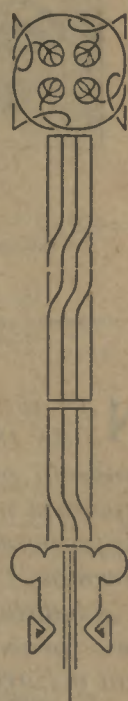
Bravo!

NA batalha do Bussaco, travada no dia 27 de Setembro de 1810, entre o exercito de Massena e o anglo-luso, comandado por lord Wilington, mais de 100 mil combatentes occuparam militarmente o campo da acção. D'un lado cerca de 65 mil franceses e d'outro 27 mil ingleses e 29 mil portuguezes. Nós livemos 1:250 homens fóra do combate e o inimigo perto de 4:500. A batalha do Bussaco foi a aurora resplandecente dos feilos de armas praticados pelo nosso exercito nessa campanha que asombrou a Europa.



Bussaco — Monumento da Batalha

Uma reliquia



A cruz da fabrica da Igreja da Vaccariça

“**N**O tempo de D. Manoel I já existia. E' de prata e de baixo relêvo. Quando os francezes se apossaram de Portugal, Junot mandou em 1807 recolher a Coimbra todas as pratas das igrejas; a Cruz da Fabrica foi juntamente com outras. Mas, quando na Vaccariça, nesse mesmo anno, se celebrava a pomposa festa de *Corpus Christi*, foi pedida a Cruz para se incorporar na procissão e finda esta nunca mais se viu. Um velho do pequeno logarejo do Vale (Vaccariça) fugiu com ella, escondendo-a no forno da sua casa, naquella povoação. Houve grande balburdia por causa dela, mas nunca os francezes a encontraram. Só quando estes sahiram de Portugal, levando as pratas que tinham feito reco-

lher a Coimbra, a Cruz appareceu, sendo com regozijo entregue pelo habitante do Vale, que hoje é representado pelos Mendes do Vale. Foi assim, que a Cruz da Fabrica da Vaccariça escapou de ser levada pelos de Junot para França.

Alguem lhe trocou o crucifixo. O que actualmente tem, vê-se que não lhe pertencia, visto que a cruz dá vestigios que o crucifixo trocado era d'ouro».



Esposa — *Ninguém deveria escolher para esposa, senão a mulher que escolheria para amigo, se ela fosse homem.* (J. Joubert)